



OS EUROCOMUNISTAS E A DESCOLONIZAÇÃO DO BLOCO ORIENTAL

Zygmunt Nagorski

De cientistas políticos a meros observadores da política internacional, muitos têm emitido as mais variadas opiniões a respeito das possibilidades do surgimento efetivo de um comunismo europeu ocidental, liberado dos dogmas soviéticos, impostos inicialmente à Rússia e, posteriormente, em todos os países de governos marxistas-leninistas.

O quadro das opiniões varia, desde o ceticismo absoluto quanto à possibilidade do comunismo democratizar-se, até os mais otimistas, esperançosos de que, exorcizado dos "exageros leninistas", o comunismo possa ser admitido na convivência democrática.

O desafio que Zygmunt Nagorski propõe aos eurocomunistas lhes têm sido lançado diariamente. As investidas imperialistas da União Soviética — recentemente foi a vez do Afeganistão — no chamado "século da descolonização", têm criado dificuldades políticas aos comunistas de alguns países europeus que, fora do poder, falam constantemente em liberdade e democracia.

Ao longo desses últimos sessenta anos, os comunistas têm tido, pelo menos, duas faces: uma nos comícios e outra nos palácios. Até agora, a Europa Ocidental só viu a primeira, mas a Europa Oriental bem conhece a segunda.

O novo modelo de comunismo europeu ocidental — em Paris, Roma, Madri e Lisboa — pode ainda levar a uma transformação básica do cenário político da Europa. Mas, qualquer versão de democracia social que dele surja, em última instância, deve originar-se do cisma entre as variedades ocidental e oriental de comunismo.

Embora tal cisma provavelmente exista, muitos líderes devotados aos princípios democráticos duvidam da sua profundidade e sinceridade.

Portanto, não basta que os comunistas italianos proclamem sua dedicação ao princípio do pluralismo. Não basta que os espanhóis desacreditem as tentativas da União Soviética para controlar os partidos não-russos. Não basta que os franceses abandonem o princípio da ditadura do proletariado. E, do ponto de vista daqueles que desejam dar ao emergente movimento comunista da Europa Ocidental crédito e confiança consideráveis, não basta nem mesmo aceitar sua adesão ao princípio das eleições livres.

Esses comunistas, embora diferentes em suas opiniões e filosofias, aceitam agora a urna eleitoral e portanto, não dispõem de outro meio para ganhar o poder.

Seria, para eles, um suicídio político rejeitar as eleições livres. A sua aceitação pode ser considerada uma pragmática natural ou irônica, dependendo do lugar onde nos coloquemos dentro do espectro político.

Há, então, maneira de testar a sinceridade dos comunistas ocidentais, sem esperar sua chegada a vários governos europeus? Há algum desafio a que eles possam fazer frente, como prova adequada ou válida, de que suas plataformas atuais são mais do que uma simples maneira de

confundir e falsear, para atingir os seus objetivos de poder?

Tal teste, tal desafio, não existem. Italianos e espanhóis, bem como alguns dos mais liberais elementos do grupo comunista francês, podem aceitar o desafio da premente descolonização — sim, descolonização?

Eu explico: Depois da Segunda Guerra Mundial, a Rússia tomou uma posição de vanguarda no movimento para descolonizar a Ásia e a África. Moscou viu nesse movimento um elemento capaz de contribuir para o eventual enfraquecimento do poder ocidental. A idéia, como uma semente em solo fértil, vingou. Mas, o chamamento à descolonização, naqueles dias distantes, simbolizava a libertação dos negros, dos pardos e dos amarelos, da opressão dos brancos. O desafio com que os eurocomunistas se veriam frente a frente diz respeito à necessidade de descolonizar, agora, os "brancos" controlados por brancos. Caso em foco: a Europa Oriental, o derradeiro enclave colonial no mundo.

Essas novas colônias surgiram quando outras começavam a desaparecer. Ao contrário das regiões africanas e asiáticas, exploradas por suas matérias-primas e mão-de-obra barata, a Europa Oriental foi dominada porque a União Soviética precisava de um cinturão de território que lhe garantisse a invulnerabilidade das suas fronteiras ocidentais. O Kremlin impôs, aos habitantes de toda a área, o seu próprio sistema econômico e político. Introduziu rígido controle sobre o procedimento humano. Negou aos países recém-adquiridos o direito de livre escolha. Relegou a urna eleitoral a um inexpressivo instrumento do Estado.

Em suma, aquilo que a União Soviética conseguiu levar a termo na Europa Oriental representa tudo o que os parti-

dos comunistas da Europa Oriental dizem execrar. Provavelmente, as atuais camadas da liderança comunista na Europa Oriental contêm muitos elementos de descontentamento. Falta-lhes, contudo, um escoadouro, uma base adequada de poder ou uma rede de aliados. Aqui, seus camaradas ocidentais podem desempenhar um papel. Aqui, o cisma, caso seja real, pode manifestar sua existência.

Não haveria nada mais convincente e mais significativo, do que uma voz comunista italiana, a exigir a restauração dos direitos humanos na Alemanha Oriental, na Hungria e na Polônia. Não haveria nada mais convincente, para os eleitores espanhóis e para os observadores políticos espanhóis, do que uma solicitação em que o líder comunista Santiago Carrillo pedisse ao Kremlin que autorizasse os países da Europa Oriental a organizar, enunciar e implementar a sua própria política externa. E, não ha-

veria nada mais convincente, do que uma declaração conjunta dos Partidos Comunistas Ocidentais, em que se solicitasse o livre movimento de povos e idéias, através de todas as fronteiras europeias — orientais e ocidentais.

O apoio à descolonização branca desafiaria, então, realmente, os eurocomunistas de hoje. Alguns deles protestaram quando a União Soviética mandou tanques para Budapeste e Praga. Foi um ato louvável, mas não inteiramente adequado. Outra iniciativa, conclamando o término da colonização, ou um avanço capaz de dar oportunidades iguais a todos os partidos comunistas, proveria ao Eurocomunismo um grau de credibilidade que até agora não teve. Tal iniciativa também provaria a amigos e inimigos que o movimento denominado "Eurocomunismo" poderia conduzir a uma nova e mais significativa evolução do cenário político na Europa Ocidental.